

# A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

39, Rua do Jardim do Regedor, 41

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO: — Vincent d'Indy — Da educação musical — Vianna da Motta — Colyseu dos Recreios — Concertos — Noticiario — Bibliographia.

## VINCENT D'INDY

(Notas para uma biographia)

Um musico como d'Indy não pôde ser julgado apenas pelas suas *obras praticas*, pelas suas composições; as suas tendencias e predilecções, as suas ideias e os seus proprios actos, são factores da sua individualidade artistica que nos esclarecem e explicam a sã e vigorosa originalidade de toda a sua obra e a profunda influencia que ella nos deixa.

A maneira de ver, de sentir e de julgar do artista, interessamos tanto como a sua propria obra quando, como obreiros da mesma Arte, carecemos de comprehendel-a e commental-a.

Toda a obra de Arte é um producto de tal modo subordinado á época, á raça, ao meio, á indole e particular educação do individuo, que, sem um completo e profundo conhecimento de todas essas circumstancias, não é possível attribuir-lhe *um valor* — bastante convencional, ainda assim!

As obras de genio carecem de uma longa e complicada preparação, de um aturado esforço de gerações inteiras e, se marcam muitas vezes um *termo* na historia da Arte,

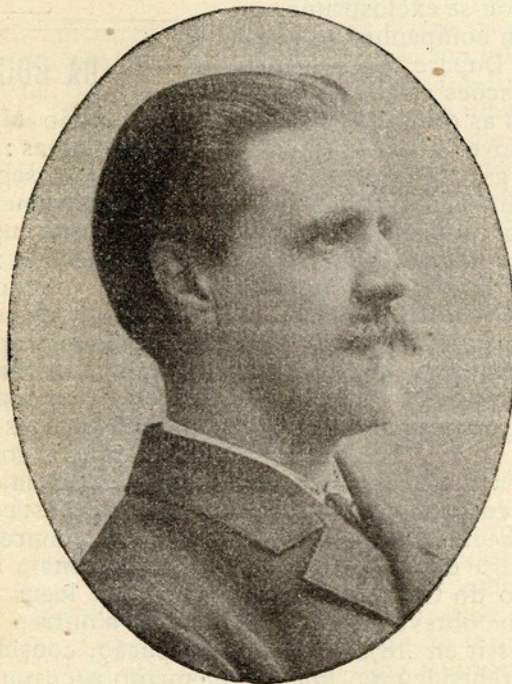
assignalam ao mesmo tempo um *inicio* — abrem novos caminhos e alargam novos horizontes . . .

Na obra genialmente perfeita de d'Indy, reconhecem-se as origens, a linhagem nobre e elevada; advinha-se a mysteriosa transformação, a admiravel selecção que se opera n'essa extraordinaria retorta que é o cerebro de um homem, e fica-se maravilhado perante a somma, perante o resultado logico e naturalmente superior, de todo esse longo trabalho de gestação. . . O que era simples aneio ou sonho, pura intenção ligeiramente esboçada em Weber, Schumann, Franck, Wagner, etc., tornou-se Forma, nitida e pura, adquiriu a maneira definitiva — obedecendo a uma vontade e enriquecendo-se com a contribuição poderosa do artista que é, seguramente, uma das maiores e das mais solidas individualidades musicas do nosso tempo.

A obra de d'Indy, longamente meditada e solidamente construida, é grande porque será duradoura; é a melhor contribuição que conhecemos para a tão desejada e já promettedora escola franceza . . .

\*

Paul-Marie-Théodore-Vincent d'Indy, nasceu em Paris a 27 de março de 1851. De uma abastada familia d'Ardèche, d'Indy foi educado por sua avó, senhora de superior intelligencia e distincta amadora da Arte musical que, desde a idade dos nove annos, lhe ensinou musica e piano e lhe communicou, com desvelado amor de avó e de artista, o





gosto, a predilecção e o respeito pelos classicos.

Nem o tempo, nem as luctas fataes e necessarias que o artista — o melhor dotado — é obrigado a sustentar, destruíram no caracter de d'Indy o traço da influencia doce e carinhosa d'esta educação feminina.

Devido aos seus rapidos e promettedores progressos, d'Indy teve Diémer e Lavignac como professores de piano e harmonia, e aos quatorze annos adquirira já, sob a direcção do primeiro, uma notavel distincção como pianista.

Destinado pela familia a seguir a carreira da advocacia, começou, sem vontade e sem gosto, os seus estudos de direito, continuando simultaneamente com aquelles professores os seus trabalhos artisticos e seguindo alguns dos cursos particulares de Marmontel.

Em 1870, no *anno terrível*, d'Indy alistou-se no 105.<sup>o</sup> «regimento de marcha» e ouviu pela primeira vez, no forte d'Issy, a estranha *musica* das ballas prussianas... Data d'esta epoca o esquisso de uma opera, que nunca terminou, sobre o drama de Victor Hugo, — os *Burgraves*.

Terminada a guerra, abandonou de vez o curso de direito e dedicou-se exclusivamente a estudos de Arte em companhia do seu distincto amigo Henri Duparc, com quem travara as melhores relações no anno anterior. Duparc estudara já as obras de R. Wagner e poudé iniciar o novel musico nas maravilhas orchestraes do grande mestre.

Os jovens artistas, amigos e visinhos, organisaram um pequeno cenaculo onde se executaram as melhores obras, nomeadamente e com particular interesse a *Paixão segundo S. Mathcus*, de Sebastião Bach<sup>1</sup>.

Esta admiravel oratoria tomou uma tal importancia na sua existencia que, desde então, um dos executantes ficou sendo chamado o *Evangelista* — personagem que elle representava.

Apresentado por Duparc a Cesar Franck, d'Indy completou, particularmente, com este celebre professor os seus estudos de harmonia, contra ponto, fuga e composição e, na qualidade de alumno do Conservatorio, o curso de órgão, em que obteve um segundo e um primeiro accessit em 1874 e 1875.

Em 1873 d'Indy emprehendeu a primeira das suas numerosas viagens artisticas; percorreu a Allemanha onde, durante dois mezes, seguiu as notaveis licções e conferencias de Liszt, em Weimar.

A primeira obra de d'Indy executada em

Paris foi *l'Ouverture des Piccolomini* (mais tarde, com sensiveis modificações, a 2.<sup>a</sup> parte da *Trilogie de Walenstein*) nos concertos Padeloup, em 1875

Desejando aprofundar os seus estudos orchestraes, d'Indy foi, durante 5 annos, *timbalheiro* e chefe de còros nos concertos Colonne, fundando em 1871, com Franck, Castillon, Fauré, Saint-Saens e Duparc, a *Société Nationale de Musique* de que foi mais tarde, secretário e presidente.

Em 1876 fez executar nos concertos Padeloup *l'Ouverture d'Antoine et Cléopâtre* e sob a direcção de Bussine, uma *Symphonie en 3 parties* na *Société Nationale de Musique*. D'Indy foi um dos *tres francezes* que assistiram, n'este mesmo anno, á 1.<sup>o</sup> representação do *Ring der Niebelungen*, em Bayreuth...

Começam os annos de activa e fertil producção; evidencia-se e affirma-se a marcha reflectida do artista, possuidor da sua Arte, constantemente preocupado com a independencia de produzir, — de evolucionar livremente.

(Continúa).

F. DE L.

## DA EDUCAÇÃO MUSICAL

A Educação Musical comprehende duas partes distinctas: o conhecimento pratico, «mão d'obra», segundo a frase de Liszt, de qualquer instrumento (violino, piano, etc.);<sup>1</sup> conhecimento, cuja acquisição exige largos annos de estudo: educação da vista e das mãos que só com um trabalho assiduo e quotidiano pôde ser conservada; e a educação musical propriamente dita, isto é, a comprehensão das obras escriptas pelos mestres e a possibilidade de produzir outras, senão eguaes porque isso não se aprende, pelo menos correctas, intelligiveis, e accessiveis á média dos espiritos cultos. A primeira parte d'esta educação tem por fim lêr; a segunda comprehender e crear.

Ultimamente a musica tem adquirido um importante lugar na educação geral. Abandonada n'outros tempos ás pessoas sem occupação, considera-se hoje como o complemento necessario de toda a educação esmerada; poucas familias, mesmo entre as menos abastadas, se encontram, onde não haja um piano em que as creanças se exercitam á porfia; e pode-se constatar que a invasão dos pianos na classe burgueza tem seguido sempre, apezar dos gracejos e apo-

<sup>1</sup> Foi só mais tarde, em abril, de 1874, que Lamoureux, o mallogrado director de orchestra, fez executar no circo dos Campos Elzeos, esta obra sublime.

<sup>1</sup> A voz considerada como instrumento, entra n'êta categoria.



dos que o caso provoca, uma progressão ascendente.

Dado o impulso, os virtuosos teem-se multiplicado, havendo-os até da mais tenra idade; estimulados por professores, cujo numero augmenta incessantemente, incitados pelos concursos, saraus e outras festas promovidas pelas casas de educação ou mesmo pelos proprios professores, certos discipulos adquirem um grau de habilidade mecânica incontestavel. Mas a sua intelligencia musical estará desenvolvida na mesma proporção? . . .

Não o acreditamos, e parece-nos que os professores intelligentes e perspicazes teem a mesma opinião.

Este adormecimento das faculdades intelligentes dos discipulos que M. Mathis Lussy notou já no principio da sua interessante obra: *Exercícios de piano que o discipulo deve escrever*, deriva de causas diversas. M. Mathis Lussy indica uma d'ellas em termos tão justos que não podemos deixar de reproduzir integralmente o que elle escreve.

Discutindo o methodo seguido infelizmente por um grande numero de professores, diz:

«Esse methodo consiste em apresentar ao discipulo exercicios admiravelmente feitos sem duvida (Czerny, Ravina, Bertini, Kessler Hummel), mas exercicios já feitos. Fazem-lh'os lêr, tocar, tornar a tocar, velam cuidadosamente sobre a posição das mãos, a dedilhação, etc.; e quando o discipulo chega a executar materialmente bem esses exercicios, considera-se que a obrigação do professor está preencheda.

Mas se interrogarem o discipulo sobre os principios da musica, se lhe pedirem a menor producção, ou mesmo a analyse do mais insignificante trecho, a resposta será nulla.

Porque? porque lhe exercitaram a vista, os sentidos as faculdades puramente mechanicas, e não a intelligencia; porque esquecendo que o discipulo é dotado de intelligencia, sentimento e vontade, não puzeram em acção estas forças creadoras. » «Não o fizeram adquirir o menor sentimento do compasso, do rythmo, da tonalidade, da modalidade, das modulações; nenhuma noção dos principios da harmonia, da transposição, da dedilhação; não possui, em uma palavra, idéa da sciencia musical. Fizeram d'elle um leitor de musica mas não um verdadeiro musico »

Esta passagem encerra ao mesmo tempo a critica e o remedio; expõe o quadro da rotina, e, por deducção, indica o programma que se deve seguir. A's noções da sciencia musical apresentada sob uma fórmula elementar, juntaremos desde o principio um curso

de solfejo: estudo do som pelo primeiro de todos os instrumentos, a voz humana, estudo obrigatorio. A producção do som pela larynge, ferindo o ouvido e impressionando todo o organismo, é a base propria do ensino musical, e achamos pouco logico applicar uma creança ao estudo de um instrumento quando ella não sabe produzir uma melodia com a propria garganta.

E' impossivel que a vista comprehenda a melodia que não se canta. Não é aos olhos que attinge o som, mas ao ouvido e á larynge. Ha cantores que não podem ler mentalmente uma melodia sem a «sentir cantar <sup>1</sup>» na larynge; era preciso que succedesse o mesmo com todos os discipulos, e só depois de um curso racional e graduado de solfejo é que elles chegarão a possuir essa tão apreciavel sensibilidade musical.

O curso de solfejo é portanto a base do ensino.

Junta-se-lhe o conhecimento completo da theoria; depois o estudo do som em si mesmo: quer dizer na sua disposição successiva ou melodica (estudo da melodia e de todos os seus recursos — idéas melodicac — suas formas, seus desenvolvimentos), na sua disposição simultanea ou harmonica (accordes, modulações, cadencias). E' necessario que o discipulo possa dizer depois da leitura de uma peça de musica, qual é o tom principal d'esse trecho, que modulações passageiras ou fixas elle contém, que accordes são empregados; qual o córte da composição, a idéa inicial e as idéas accessórias que d'ella derivam e a circumdam.

Para crear uma obra musical, por muito simples que seja, o auctor seguiu um plano, um methodo: é o que importa descobrir; procurar conhecer os elementos d'esta construcção para saber apresental-a por meio da pratica executiva. Se nós tratassemos de reproduzir uma pequena obra de architectura, procuraríamos tomar-lhe as dimensões, a disposição, transportaríamos o todo para um plano figurativo que nos serviria de guia para reconstruir o modelo dado; é este plano que se deve procurar em cada composição musical, é a parte interessante e intelligente do trabalho.

O que sobretudo não se deve perder de vista é que os exercicios mechanicos são um meio e não um fim. São um meio de reproduzir com perfeição as maravilhosas construcções sonoras elevadas pelos grandes mestres; a recompensa da assiduidade n'esse trabalho quotidiano consiste justamente no prazer que de nós se apodera e nos transporta quando conseguimos repro-

<sup>1</sup> Da linguagem e da musica: Stricker pag. 2-4 e passim.

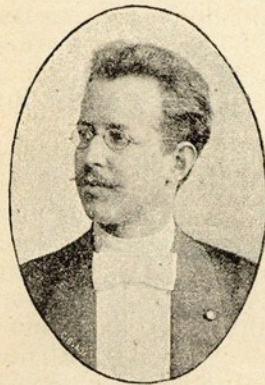


duzir com perfeito reconhecimento, com intelligencia, com respeito e amor, as paginas immortaes que elles nos deixaram.

M. de Morneval, traducção por ERNESTO VIEIRA.

## GALERIA DOS NOSSOS

### VIANNA DA MOTTA



MUITO se tem discutido sobre a influencia do meio. Seja como fôr, o que é certo é que o meio não pôde dar o que a natureza recusou. «Nascitur, non fit».

Acima da minoria que constitue a camada superior da intellectualidade de um povo, aparecem de quando em quando homens

extraordinariamente dotados que são a gloria e o orgulho d'uma nação, por isso que marcam a altura a que pôde attingir o genio da sua raça. Vianna da Motta pertence a estes talentos privilegiados. Basta ouvil-o tocar uma peça de Bach para logo descobrir as altissimas e solidas qualidades do genial artista, servidas por uma technica absolutamente perfeita. Execução admiravelmente equilibrada e ponderada, apoiada em um notavel sentimento de rythmo, sempre attenta a todos os promenores, mas sem nunca perder de vista o plano geral, a idéa mãe, superiormente illuminada pela luz d'uma intelligencia vasta e penetrante, e vivificada por viril e sincera emoção.

O publico que se deixa influenciar pelos tocadores espalhafatosos ou sensacionaes acha Vianna da Motta frio e sêco, mas os verdadeiros artistas e aquellas pessoas que são capazes de comprehender e gozar uma execução repassada de sinceridade e de sentimento intimo, esses têm um prazer completo escutando Vianna da Motta.

Certos pianistas extraordinarios impressionam, deixando a lembrança de terem sido «vistos»; Vianna da Motta pertence ao numero dos que nunca esquecem de terem sido «ouvidos».

Como compositor, Vianna da Motta attingiu, principalmente no Adagio da sympho-

nia «Patria», uma altura lyrica absolutamente notavel. Esta formosa composição que o Orpheon Portuense se orgulha de ter executado pela primeira vez, fez no Porto e no Rio de Janeiro profunda impressão. E' de esperar que o grande artista continue a sua carreira ascencional de compositor, e isto é tanto mais para desejar quanto no seu robusto talento e fina emoção se revela grande affinidade com a musica popular portugueza.

B. V. MOREIRA DE SÁ.

## COLYSEU DOS RECREIOS

Bohème, Trovador, Rigoletto, Dinorah, Palhaços, Cavalleria rusticana, Favorita, Fausto, Traviata e Othello foram as operas cantadas durante estes ultimos quinze dias no Colyseu dos Recreios.

A Bohème já foi cantada sete vezes desde o dia 15 até hoje, attrahindo sempre numerosa concorrencia; têm sido noites de calorosos applausos para Dolores d'Arroyo, Colombini, Lanfredi, Mestres, Puiggener e Walter, que dão á opera um desempenho que não envergonharia theatros de primeira ordem.

A sr.<sup>a</sup> Wermez, sempre muito apreciada nos trechos em que pôde fazer brilhar os seus primorosos trabalhos de vocalisação, teve na Dinorah e Traviata mais duas noites de entusiasticos applausos.

Bohème e Othello foram as duas operas que durante a ultima quinzena interessaram mais os frequentadores da vasta e magnifica sala do Colyseu. O Othello teve hontem um desempenho que impressionou agradavelmente o numeroso auditorio e confirmou os bons creditos da companhia.

Vae em breve entrar em ensaios a Serrana, do nosso laureado maestro Alfredo Keil. Estão para isso vencidas as maiores difficuldades, sendo a principal: resolver alguns dos principaes artistas a estudar a opera. Scenario e guarda-roupa virão do theatro de S. Carlos.

3o de maio.

ESTEVES LISBOA.

CONCERTOS

## CONCERTOS

Hernani Praga reuniu no domingo 20 em sua casa um intimo auditorio, que foi regalado com intima musica. Elle mesmo fez



ouvir no piano o preludio do «Parsifal», magistralmente interpretado com aquella perfeição e minuciosidade extremas que fazem d'elle o mais consciencioso professor.

As mesmas qualidades ostentou no trio em ré de Beethoven (obra 70), executado com Gerschey e M.<sup>me</sup> Elisa von Stein (Weinlich), assim como a esplendida sonata de Grieg (obra 45), em que Andrés Goñi mostrou tambem a sua já reconhecida competencia como mestre sério e violinista impecavel.

Completaram o programma D. Delphina Pinto, que executou as mesmas peças ouvidas no ultimo concerto da Academia, e M.<sup>me</sup> von Stein, fazendo-se apreciar n'uma melodia de Saint-Saens e n'um adagio de Devorak; admiravel a primeira, adoravel a segunda.

E se um programma tão elevadamente artistico fizesse desejar mais alguns minutos de boa musica superiormente interpretada esse desejo não podia ter ido mais longe nas suas aspirações do que admirando a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Sarah Marques, que—*hors d'œuvre*— se fez apreciar mais uma vez n'um trecho de Chaminade e outros do seu repertorio, tão finamente escolhido e com tanta alma cantado.

Hernani Braga acompanhou todos os solos, com aquella discreção de um mestre que não é simplesmente um concertista.

\*

No mero desejo de manter n'esta secção a feição de estatística que lhe temos diligenciado imprimir, consignemos a *matinée d'élevés* que a considerada professora portuense D. Thereza Amaral realisou a 24 do corrente mez no palacete do sr. José Teixeira Braga, no Porto.

\*

Em 25, deu o *Orpheon Portuense* a sua ultima festa na presente época.

Com exito não inferior ao das precedentes, realisou-se a 3.<sup>a</sup> audição de musica de camara moderna, constando o programma de:

I — *Trio-Noveletten*, op. 59, de Th. Kirchner.

II — *Quartetto*, op, 21, de Rabl.

III — *Trio*, op. 92, de Saint-Saëns.

Os executantes foram as sr.<sup>as</sup> D. Helena Dagge, D. Leonilda Moreira de Sá e D. Virginia Suggia (piano), Moreira de Sá (violino), D. Guilhermina Suggia (violoncello) e Jacintho Secco (clarinete), sendo este ultimo instrumento empregado unicamente no Quartetto de Rabl.

Ao fechar o cyclo das festas do *Orpheon* fez o publico portuense uma imponente e

commovedora ovação a Moreira de Sá, de todo o ponto merecida e justa pelo assombroso trabalho civilizador a que o illustre artista se tem dedicado na capital do norte.

D'aqui enviamos tambem uma sentida saudação ao laborioso professor.

\*

A *Sociedade artistica de Concertos de Canto*, cuja fundação se deve, como é sabido, ao requintado bom gosto e entusiastica tenacidade da sr.<sup>a</sup> Condessa de Proença, continúa trabalhando activamente para desenvolver a musica vocal entre nós.

Agora, no domingo 24, veio a publico apresentar o resultado dos seus esforços e foi, como era natural, acolhida com applausos e flôres por um selectissimo auditorio a que S. M. a Rainha D. Amelia se dignou presidir.

Começou o concerto com o *Stabat Mater* de Pergolesi, de que já aqui nos occupamos largamente e que é uma obra sempre interessante para o nosso publico. O desempenho da famosa Sequencia foi confiado á sr.<sup>a</sup> Condessa de Proença-a-Velha (soprano), M.<sup>me</sup> Sarti (contralto), Affonso de Sousa (orgão), a um numeroso côro de vozes femininas e a uma orchestra d'arcos, sob a intelligente direcção de Alberto Sarti.

Foi muito cuidada a execução e se houvessemos de especialisar alguma cousa, confessariamos que nos fizeram uma funda impressão os solos *Quæ moerebat*, *Vidit suum* e *Eia Mater*, que os illustres cantores comprehenderam e traduziram admiravelmente.

Os coros merecem tambem todos os nossos louvores; não se pode exigir mais firmeza, mais unidade e melhor afinação do que as gentis coristas patentearam n'aquelle brilhante *Inflammatum* e acima de tudo na fuga *Fac, ut ardeat*, cuja repetição foi calorosamente sollicitada.

E antes de passar adiante, permitta nos o sympathico grupo de amadoras que lhe digamos mais uma vez que a muitos deixa uma penosa impressão a pronuncia italiana do latim, n'um paiz onde tal pronuncia não é usada, nem mesmo conhecida.

Perdoém-nos esta pequena observação que nasce unica e exclusivamente do muito interesse que o auctor d'estas linhas professa pela promettedora instituição.

A 2.<sup>a</sup> parte do programma abriu com a aria *Lascia ch'io pianga* de Haendel, cantada pela sr.<sup>a</sup> D. Ermelinda Cordeiro, seguindo-se-lhe o *Arioso* do Tannhauser pelo sr. José Pinto da Cunha e a *Ave Maria* do Othello, em que a sr.<sup>a</sup> Viscondessa de Almeida Araujo poz os primores da sua intelligente dicção. Tiveram os tres illustres amadores basta colheita de applausos e bem



merecidos, lastimando-se porém que o 2.º numero fosse prejudicado pela leviandade com que a orchestra acompanhante procedera ao trabalho previo da afinação. N'um caso d'estes em que o solista só se pode salvar de um cataclysmo imminente pelo sangue frio e pela firmeza de afinação que manteve brilhantemente apesar da situação difficil em que o collocaram, pôde e deve a critica honesta lavar o seu protesto e estamos certos que ninguem haverá que lh'o leve a mal.

Terminou o segundo concerto da Sociedade de canto com uma novidade muito interessante e que calou por tal forma no espirito do publico, que teve de ser repetida na integra. O titulo d'esta nova composição é *A la porte du cloitre* e deve-se na parte musical á penna fecunda e inspirada do grande compositor scandinavo Eduardo Grieg. Consiste em um palpitante dialogo de soprano (Viscondessa de Almeida Araujo) e contralto (D. Clara Sarti), terminando por um suggestivo côro de freiras, d'um grande effeito.

E' de Björnson este delicioso poemeto, a que o notavel musico norueguez juntou as tintas mais frescas da sua rutilante e variada paleta.

Com respeito á execução não podemos dizer senão *Muito bem*, merecendo no emtanto especiaes agradecimentos a illustre professora D. Clara Sarti que, para preencher uma repentina lacuna, não hesitou em sacrificar a sua sympathica voz n'uma *tesitura* que não podia deixar de lhe ser incommoda.

\*

Na noute de 27 do corrente teve logar no palacete do nosso illustre amigo, o sr. Antonio Ferreira Marques, uma festa musical de character muito intimo, a que concorreram alguns dos nossos melhores artistas e amadores.

Reunião eminentemente distincta como todas as que se dão n'aquelles hospitaes e artisticos salões.

A sr.ª D Sarah Marques mimoseou os seus convidados com uma esplendida execução da cavatina da *Semiramis* e de outros trechos de varios auctores.

Além d'isso o maestro Andrés Goñi tocou varios trechos, Alfredo Napoleão composições suas e uma Rapsodia de Liszt, e Antonio Duarte, o nosso illustre collega do *Seculo*, que se tem ultimamente manifestado talentoso violoncellista, executou alguns trechos no seu instrumento predilecto.

Tocaram-se tambem fragmentos do *Trio* em ré menor de Mendelssohn e um trio de piano, harmonium e violino, tomando parte

n'estas peças *d'ensemble* as sr.ªs D. Ernestina Barros Freixo, D. Maria e D. Adriana de Magalhães, e os srs. Andrés Goñi, Antonio Duarte e Julio de Magalhães.

Uma recepção encantadora a que vieram dar ainda maior realce duas sympathicas cantoras debutantes, as sr.ªs D. Laura Sauvinet Bandeira e D. Maria Magalhães, discipulas de M.ªmª Vieira Marques, que n'esta phase nova, evidenciou mais uma vez o altissimo nivel do seu talento.

## NOTICIARIO

### Do Paiz

Na noute de 21 e 23 do corrente mez tiveram logar no *Club de Lisboa*, ao Calvario, as primeiras audições da opera portugueza de Antonio Gonçalves da Silva Taborda, sobre um poema do sr. João Pinto Ferreira, intitulado *A Reliquia*.

Despretenciosa na polyphonia, essencialmente melodica na forma, tem a nova composição do maestro portuguez trechos verdadeiramente inspirados e alguns mesmo cuja structura não hesitamos em classificar de magistral. Entre estes ultimos o esplendido concertante do 3.º acto e o final do ultimo que julgamos mais que bastantes para consagrar um compositor: e se não especializamos os que são puramente melodicos é porque os ha em grande abundancia em toda a partitura, e alguns deliciosos.

A circumstancia de ter o sr. Taborda adoptado na construcção musical da sua obra uma architectura um pouco *vieille* não nos parece motivo para que a critica imparcial faça o mais leve reparo; o que houve, a nosso vêr, foi uma errada adaptação da *obra ao meio*.

N'um bonito theatrinho, como o do Calvario, conviria, julgamos nós, uma comedia musical, mesmo uma comedia-drama, mas qualquer cousa de leve, de mimoso e gentil, cuja acção se não perdesse n'um passado de mais de 3 seculos, como se dá na nova opera do talentoso professor portuguez.

A *Reliquia* é uma peça de *capa e espada* que só se poderá apreciar vantajosamente n'um grande teatro, com uma scena espaçosa e uma grande massa choral; além d'isso é preciso que a distancia venha auxiliar os effeitos da perspectiva, que não são para desprezar, como sabemos. Por isso suppomos que a obra do sr. Taborda teria tudo a ganhar se fosse apresentada n'um outro meio mais consentaneo com a feição caracteristica do poema e mesmo com as exigencias da peça.



Devido aos esforços dos auctores e do illustre professor Guilherme Ribeiro, que durante longo tempo ensaiou quasi toda a parte vocal, poudé a execução attingir um relativo apuro e tornar-se quasi sempre digna dos calorosos applausos com que foi acolhida, isto principalmente na 2.<sup>a</sup> audição que foi sem duvida alguma mais aprimorada.

Os cantores solistas que tomaram parte na obra foram as sr.<sup>as</sup> D. Isaura Callado, D. Delphina Victor e os srs. Emilio Monteiro, José Avelino Baptista, Paulo do Quental, Alfredo Barros e Luiz Motta. Todos na medida das suas forças, trabalharam denodadamente pelo bom exito da tentativa e por isso os felicitamos sem distincção.

A orchestra e especialmente os côros, em que figuravam quasi exclusivamente amadores, tambem merecem o nosso applauso, pela boa vontade que puzeram no desempenho do seu trabalho.

Ao illustre compositor e nosso amigo, o sr. Antonio Taborda, dadas as restricções que a nossa já conhecida franqueza não podia occultar, enviamos um sentido bravo, comprimentando-o pela bem merecida ovação de que foi alvo.

\*

No proximo dia 5, deve chegar a Lisboa, o nosso querido amigo e illustre violinista Cecil Mackee.

Seja bemvindo.

\*

Do nosso admiravel pianista José Vianna da Motta, que como todos sabem se acha em Berlim professando a sua adorada Arte, recebemos uma dadiva que tem para nós um incalculavel valor — uma photographia sua com amabilissima dedicatória e algumas notas autographas da sua grandiosa ode symphonica *A Patria*, que foi executada no Porto com o mais brilhante exito ha alguns annos.

Agradecemos ao illustre artista a sua gentileza.

\*

No theatro de S. João do Porto, por occasião da festa commemorativa do Centenario do Brazil tocou uma orchestra de 60 executantes o imponente poema symphonico *Avé, Libertas*, do illustre compositor brasileiro Leopoldo Miguez, director do Conservatorio Nacional de Musica, da capital federal.

Esta grandiosa composição obteve, ao que dizem os jornaes do Porto, um exito sobremodo lisonjeiro.

\*

Em todos os estabelecimentos artistico-musicaes de uma certa importancia e muito especialmente nos Conservatorios officiaes, nunca deixa de existir um grande Orgão de

tubos, destinado á leccionação e á audição das obras dos grandes mestres.

No nosso Conservatorio, que tem uma tão bella sala de concertos, não se tornará indispensavel a adaptação de um orgão ao fundo do estrado?

E não será tambem inadiavel a criação de uma aula de Orgão, agora que parece querer tomar um bom caminho o desenvolvimento da arte musical no nosso paiz?

Recommendamos o assumpto ao meretissimo Director de Instrucção publica e temos esperanza que, no seu elevado criterio e fino gosto artistico, diligenciará prover á falta apontada.

### Do Estrangeiro

Em 6 d'este mez realisou-se em Bruxellas a ultima audicção da *Societé Symphonique des Concerts Ysaye*, tomando parte o illustre compositor e concertista francez Camille de Saint-Saëns.

D'este ultimo tocaram-se a 2.<sup>a</sup> Symphonia, os poemas symphonics *La jeunesse d'Hercule* e *Le rouet d'Omphale*, o terceiro Concerto para rebeca, a fantasia *Africa* para piano e orchestra e a *Marcha heroica*; assim, quasi todo o programma foi consagrado a Saint-Saëns, que conjunctamente com o famoso violinista belga, foi alvo de estrondosas manifestações.

\*

Estão decididamente em moda as conferencias sobre musica e no estrangeiro estão-se tornando frequentissimas.

Na *Sorbonna* onde todo o genero de discursos e lições se podiam esperar, meos as que se relacionassem com a musica, tem feito o illustre musicographo francez Arthur Pougin uma serie de conferencias do mais alto interesse, em que varios assumptos artisticos são tratados com incomparavel proficiencia e meticulosidade.

A ultima versou sobre Gretry, analysando-se a obra d'este mestre sob todos os aspectos e prestando-se alguns cantores a executar a titulo de exemplo algumas das suas composições.

\*

Em Vienna e em Budapest, celebrou-se com grande solemnidade o 70.<sup>o</sup> anniversario natalicio de Carlos Goldmark, o notavel compositor hungaro.

Lastima o *Menestrel* que se não tenha aproveitado a occasião para publicar o catalogo thematico da vasta obra de Goldmark, como se fez com Brahms, ainda em vida d'este celebre compositor.

\*

Por iniciativa de Carlos Malherbe, archivista da Opera de Paris, vae abrir-se em 15



de julho na grande galeria d'aquelle theatro uma curiosa exposição de Autographos musicas que terá a mesma duração que a propria Exposição Universal, de que constituirá por assim dizer um annexo.

Esta exposição será dividida em duas partes distinctas : uma, retrospectiva, destinada aos autographos dos compositores mortos antes do 1.º de janeiro d'este anno ; a outra, contemporanea, reservada aos compositores que viviam ainda n'essa data.

A entrada será absolutamente gratuita.

\*

A epoca italianna do Theatro imperial de Vienna estreiou-se com uma brilhante representação da *Fedora* de Giordano, em que os protogonistas foram os artistas já nossos conhecidos, Bellincioni e De Lucia. O publico acolheu muito bem a peça e fez, especialmente no 2.º acto, uma calorosa ovação áquelles dois artistas, chamando tambem quatro vezes á scena o proprio compositor.

\*

A nova opera de Mascagni *Le Maschere*, será representada em tres theatros simultaneamente e pela primeira vez ; na Scala de Milão, no Costanzi de Roma e na Fenice de Veneza.

Tem um prologo ou apresentação, no genero da dos *Palhaços*, mas em prosa, não posta em musica ; encarregar-se-hão de recitar esse prologo tres dos mais notaveis actores italianos.

## BIBLIOGRAPHIA

Não tem faltado entre nós compositores de valsas, e a nossa bibliographia musical é relativamente abundante, quasi em excesso, n'esse genero.

Não é elle difficil nem exige dotes singulares : algum ouvido e um pouco de instincto musical bastam para encontrar tres ou quatro periodos de melodia quadrada, reminiscencias mais ou menos evidentes de outros identicos, e juntar-lhes a constante e monotona harmonia dos accordes da dominante e tonica — «sol e dó», como pittorescamente e com tanta propriedade lhe chama o nosso povo.

Mas, como sempre succede, o exercicio e a concorrência teem produzido aperfeiçoamento, e já não são muito raras as valsas firmadas por auctores nossos conterraneos, que apresentem certa distincção de formas, recordando um pouco aquella elegancia que fizeram a fortuna dos Strauss.

Por esse genero, e revelando logo onde

chegaria, começou o nosso mais phantasioso e audaz compositor, aquelle que melhor e mais proficuamente tem trabalhado para a arte nacional : Alfredo Keil.

Guardo preciosas recordações d'esses saudosos tempos de aprendizagem : os «Olhos negros», a «Morenita», a «Aurora», etc.

Por isso quando vejo uma composição de qualquer principiante, por muito insignificante que ella seja, reparo sempre com interesse, não para o seu valor intrinseco, mas para o que se poderá esperar de quem a fez.

A originalidade n'este caso é questão secundaria e raras vezes em foco ; o importante para apreciar, se apparece, é a habilitade na assimilação e o gosto na escolha dos elementos assimilados.

Estas considerações foram-me suscitadas pelas primeiras obras de um novo auctor de musica dansante, Carlos Stuart Torrie : prenderam-me sobretudo a attenção tres valsas, intituladas «Flores nocturnas», «Vogando» e «Helena», as quaes contem signaes certos de gosto apurado. Constituem essas tres composições uma auspiciosa promessa merecedora de applauso e incitamento.

Incitamento que principalmente faça trabalhar deveras quem tanto promette, levando-o a obter primeiro do que tudo os conhecimentos technicos necessarios para exprimir sem embaraço nem auxilio estranho as ideas proprias, visto que realmente as tem.

\*

Outra valsa, e esta de uma senhora que deseja tambem experimentar-se na carreira de compositora, acaba de ser muito recentemente publicada pela casa editora Lambertini.

Recommendal-a pela novidade, julgamos util para as gentis pianistas avidas de novidades no genero.

A auctora, a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Luiza de Siqueira Pery Furtado, fez já em tempo publicar uma outra valsa — «Julita» — que obteve um grande exito.

A *Arte Musical* agradece aos illustres professores Bernardo Moreira de Sá e Francisco de Lacerda, a brilhante collaboração com que n'este numero a distinguiram.